

Bioma de sacrifício

Sacrifice biome

Bioma de sacrifício

MAURÍCIO ÉRNICA¹

ACORDEI SOBRESSALTADO COM BATIDAS FORTES E SECAS NA PORTA DE ALGUM vizinho. Enquanto ouvia “polícia federal, abre!”, olhei o relógio: seis horas da manhã. Eu morava no setor hoteleiro de Brasília, em um apartamento que havia sido uma *garçonnière*. Os rastros estavam por lá, nas manchas em lençóis e toalhas puídos, em uma calcinha rosa choque perdida em meio às tralhas e outros sinais da intimidade alheia. Dois dias depois, toquei no assunto com o gerente do hotel, o Adriano, que nenhum detalhe do caso me contou. Nem eu lhe perguntei mais, talvez, na verdade, por preferir não saber. “Imagino que você já tenha visto cada cena por aqui, Adriano...” Ele me contou que começara a vida como camareiro, ainda muito jovem. “É cada coisa que já vi, doutor Maurício...”, ele disse, balançando a cabeça. “Já presenciei casal namorando, casal brigando... Ah, se eu fosse escrever um livro...” “E a boate que funcionava no térreo, Adriano?” “Ah, seu Maurício, por Deus, que é misericordioso, ainda bem que ela fechou.” Eu ri, ele se calou. Apenas continuou a balançar a cabeça e soltou, com voz soporosa: “ah, Mauricio, se você soubesse da história do doutor Abílio e do doutor André, escreveria...”. Depois se fechou no silêncio, retomou sua postura altiva e impessoal e se dedicou à rotina da recepção. “Hotel Arco do Triunfo, bom dia”.

1. Universidade Estadual de Campinas/SP.

Me despedi com um aceno de cabeça e, por meses, não retomei o assunto. Abílio e André, esses nomes ficaram em minha mente, que ecoava o “se você soubesse... escreveria...” Revirei a internet, noites a fio, atrás de pistas. Ainda tentei, jogando um verde ou outro, que Adriano falasse algo a mais. Ele não quis acrescentar nada além das generalidades que eu descobrira nas primeiras buscas. Entendi a delicadeza de sua posição e respeitei o seu resguardo. A dica que havia dado bastava. Eu a persegui e o relato que faço agora é o resultado do que pude apurar ao longo de cinco anos, em fontes que indicarei ao longo da narração dos acontecimentos e das conjecturas.

Abílio Luís de Girardi e Souza era doutor por posição social. Foi um empresário com negócios na área de transição entre o Cerrado e a Amazônia. Era pecuarista, descobri depois, em áreas desmatadas ilegalmente e sócio de madeireiros e garimpeiros clandestinos; lendo com atenção o noticiário, não é absurdo supor que estivesse envolvido com quem lavava dinheiro do tráfico internacional de drogas. O fato é que ele foi uma das pessoas que levariam à destruição a área de transição entre o Cerrado e a Amazônia.

Abílio não revelou a ninguém o seu plano, que só posso deduzir por indícios dispersos. As fontes são poucas e incompletas, pouca gente quer falar e, por isso, estou convencido de que o meu relato mal dá conta de uma parte da história. Ao que tudo indica, porém, em um dado momento ele decidiu influenciar a política nacional para limitar a ação do Estado e remover entraves legais aos seus empreendimentos.

Um fato documentado é que ele havia conhecido um jovem disposto a ser seu sócio minoritário, que investiria mais com trabalho e lealdade do que com capital. André Gustavo Pedro foi um jovem ambicioso, sedento por ascender ao mundo dos muito ricos. À época, havia recém cruzado os 40 anos. Está vivo, pelo que sei. É filho de um profissional liberal que nasceu em uma família pobre e de uma dona de casa; teve vida confortável, mas nunca lhe sobrou dinheiro. Sua mãe mora em Sinop, no Mato Grosso, com o conforto de que sempre provou; voltarei a falar dela.

“Pedro é sobrenome, caralho”, André dizia em círculos privados, com impaciência. Desde cedo, seus olhos sempre viram onde o seu bolso não alcançava. Foi educado em bons colégios privados e se graduou em uma famosa escola de negócios de São Paulo. Fez cursos complementares, com bolsas de estudos, em uma universidade renomada dos Estados Unidos. Sempre transitou entre elites, afirmando-se por sua formação escolar. Mas, por razões desconhecidas, não se fixou em São Paulo e voltou ao Centro-Oeste, dizendo a todos que sua região era uma fronteira de oportunidades.

Ao se associar a Abílio, teria feito um pacto: manter-se sempre na sombra, invisível, como um jovem consultor de negócios uma região economicamente

dinâmica. Vivia, por essa época, sem despertar suspeitas. Ouvi de muita gente que ele rejeitava, com pavor fóbico, qualquer associação com a jagunçagem. Viria a saber, durante minha investigação, que ele teria confidenciado por escrito algumas brigas com Abílio por evitar assumir riscos de exposição e não querer se responsabilizar pelos negócios. Abílio urrava: “porra, André, para liderar é preciso pôr a mão na massa”. Ele se retraiu, a desconfiança se alastrava.

Abílio, não sei se está vivo e por onde anda. Não há registro de óbito nos cartórios brasileiros e muitos bens estão em seu nome, geridos por prepostos. Descobri, porém, sem muito esforço, que era filho da velha elite agrária paulista. À época desses eventos, estava prestes a completar 70 anos. Gostava de bravatear que as famílias de quem recebera os nomes estão em posições de elite há muitas gerações: sua ascendência, pelo ramo paterno, remontaria à nobreza ibérica; pelo ramo materno, ele dizia ser descendente de antigos comerciantes genoveses. Seus ascendentes diretos pela parte paterna, contudo, sofreram um lento declínio social e econômico. Restaram brasões e títulos do Império em plena República, mas pouco dinheiro. Herdara apenas alguns imóveis, voltas ao mundo, muitas boas relações e o *savoir-vivre* de ricos antigos.

Os Girardi, de quem descendia pelo ramo materno, eram gente que chegara ao Brasil empobrecida, no início do século XX, e que, por boas jogadas e uns tantos blefes, enriqueceu. Gostavam de evocar seus antepassados mercadores genoveses. Não havendo quem comprovasse ou refutasse a genealogia, e tendo eles enriquecido e angariado muita simpatia, a história foi sendo repetida como se fosse verdadeira. O casamento de seu pai com sua mãe foi mais um dentre os tantos, na primeira metade do século XX, destinado a unir o prestígio e as boas relações preservadas pelas elites agrárias em declínio e em busca de meios econômicos para interromper sua decadência com a sede de posição social e prestígio de imigrantes de riqueza nova.

O pai de Abílio era um patriarca rude e irascível, mas que dominava a arte de circular no que chamava de Sociedade, fosse no Brasil, fosse na Europa. Sua mãe havia estudado em colégios religiosos em que se falava francês, como parte do esforço para se misturar com a gente de sobrenome prestigioso do Sudeste. As coisas não deram certo para eles, contudo. A bancarrota dos Souza vinha de longe, já era irreversível e não pode ser contida pelo dinheiro fresco dos Girardi. Não morreram pobres, mas terminaram suas vidas amargando a visita regular de credores que desprezavam o que diziam ser velharias de feira de antiguidades.

Em luta contra o decaimento, Abílio, ainda jovem, durante o desenvolvimentismo dos governos militares, migrou para o Centro-Oeste. As terras eram abundantes

e os benefícios, muitos. Conseguiu bons privilégios para se instalar. Algumas de suas empresas eram limpas e nessas, em que ele ostentava o seu sobrenome, apoiava a imagem pública que cultivou na região. “É rico de berço”, diziam. “Influente”, fofocavam. Ele aprendera francês na infância e era fluente na língua do poder recebida de seus antepassados. Me contaram que soava chique, que jagunços e violência não o assustavam. Sabia exatamente o que fazer e dizer nos gabinetes onde se tomam decisões. Muito embora reconhecessem nele ares de nobreza, era conhecido como um fazendeiro *old school*, um oligarca intempestivo e com brutalidade latente. À vontade, mesmo, ele ficava em suas terras, em companhias pouco recomendáveis.

Quando decidiu que era a hora de avançar para o terreno nacional, Abílio propôs um acordo a André. O jovem seria designado, sem que ninguém soubesse – e foi a condição que André teria imposto – testa-de-ferro em uma empresa predestinada a se destacar. Abílio, sem aparecer, transformou André em empresário exemplar. Montou para ele uma empresa de guincho que atuou em todo o Centro-Oeste, com ramificações pelas Gerais. Cheguei a ver restos dela em placas e inscrições em velhos carros em beiras de estrada pelo interior do Goiás. Abílio despejou muito dinheiro no negócio, André comprou concorrentes, Abílio sabotou quem estava no caminho, juntos forjaram contratos vultosos com grandes clientes. Ao testa-de-ferro, foi ordenado: “seja amigo dos inimigos”.

Em pouco tempo, a empresa tornou-se grande. “Sólida”, diziam contadores e auditores que, depois foi notado, também dedicavam os seus préstimos a uma grande empresa varejista que falseava os seus balanços. André não carregava a rudeza saliente da elite agrária, rejeitada nos meios urbanos. Transitava, desenvolto, nos meios ricos e influentes de São Paulo, Rio e Brasília. Foi badalado e tratado como empreendedor moderno, viveu o prestígio e a riqueza – isso o seduzia. Para sustentar o personagem, precisava estar limpo, desassociado das tramas de Abílio e, em seus dias de glória, esteve longe da barra pesada – e isso o seduzia ainda mais.

Em algum tempo, André passou a criticar publicamente as atividades econômicas que abalavam a imagem do país no exterior. Reclamava, ainda que com ponderações, do que chamava de “agronegócio predatório”, defendendo empresários que representariam “o agro responsável”. Era um homem de negócios moderno, instado a tomar posição nos grandes debates do país. Tornou-se, por fim, um expoente de uma nova geração de líderes.

Alegando que “empresários devem ter compromisso com um projeto de país”, passou a apoiar políticos. Mobilizou parceiros, criou redes. Com discrição, sem excessos,

sempre como porta-voz de um grupo, suas falas públicas tornaram-se frequentes. Financiava vários candidatos, alguns deles adversários, o que fazia em nome do, em seus termos, “fortalecimento do debate democrático e saudável” e da promoção de “um país guiado pela aliança do capital moderno com a prosperidade social e a sustentabilidade ambiental”. No geral, ainda que instigando respeitadas rivalidades de ocasião, ele fortaleceu políticos progressistas que colocavam problemas para os interesses de Abílio.

Oculto à luz do dia, amigo dos inimigos, André passou a frequentar os bastidores do poder e a recolher muitas informações sobre o mundo econômico e os corredores e gabinetes do Estado. Seus negócios prosperavam. Alguns políticos que apoiou, nunca sozinho, foram eleitos. Em uma conjuntura favorável, um deles, deputado, virou ministro. Outros, igualmente parlamentares, indicaram quadros para ministérios: secretários, diretores, assessores. Diante dos aliados no poder, sempre se manteve discreto; nunca pediu favores ou privilégios excessivos. Era de um republicanismo exemplar.

Para poderem se encontrar sem despertar suspeitas, Abílio e André compraram, com seis meses de intervalo e em andares diferentes, apartamentos em um antigo hotel em Brasília, o Arco do Triunfo. Ao todo, há quase 300 unidades no prédio. No térreo, com portas para a rua, havia uma boate muito movimentada nos dias de sessão no parlamento. Era para lá que desembestavam lobistas, políticos do interior, assessores e outros homens em viagem. Encobertos pela luz baixa, sua clientela assumia uma cláusula pétrea: uma vez tendo cruzado a entrada, todos seriam solidários e cúmplices; o que se via, falava e fazia ali dentro deveriam ser esquecidos na saída.

O arranjo teria sido sugestão de André, que tempos depois teria confidenciado que Abílio lamentara, um dia: “porra, André, depois que envelheci e a barriga cresceu, as mulheres não querem mais trepar comigo”. “Ah, Abílio, conheço um lugar que você vai gostar, tá cheio de meninas, o cardápio é ótimo e você vai sair dessa seca”.

O bar era movimentado, repleto de mulheres, moças novas lutando pela sobrevivência ou, quem sabe, entregues a fantasias de riqueza e poder. Discretamente, vendia-se cocaína. O álcool era consumido aos litros; destilados, sobretudo. Com muito custo, e sob a condição do sigilo, eu soube que André e Abílio costumavam se encontrar no balcão por acaso, como na primeira vez em que estiveram por lá. Naquela noite, em horários distintos, entraram na boate, se encostaram no balcão e, aparentemente sem planejar, conversaram despreziosamente sobre a vida de homens sozinhos em Brasília. André teria pagado uma menina, sua conhecida, para passar a noite com Abílio. Os dois voltariam assiduamente ao bar, sem companhia. Às vezes se reencontravam como velhos conhecidos de balcão. Entravam

rigorosamente em horários diferentes, sempre estavam juntos por acaso e falavam apenas o que se diz na cumplicidade masculina.

As datas não são precisas, mas foi ao final de um ano que decidiram comprar seus apartamentos. Primeiro André, depois Abílio. Descobri por coincidência detalhes de seus costumes privados. O apartamento de Abílio era funcional, impessoal como há de ser um quarto de hotel. Pouco mudou, desde então. As paredes ainda são decoradas com fotos de monumentos de Brasília que poderiam estar em um restaurante, café, refeitório ou uma cervejaria de aeroporto. Abílio mantinha um frigobar usado, onde fazia gelo e guardava cerveja, e possuía dezessete copos de whisky. Sempre imaginei que os outros sete devem ter sido quebrados, um a um, durante porres e orgias. A relação de bens acusava, ainda, um balde de gelo, dois garfos, uma faca e um prato. Esse arrolamento veio anexado ao contrato do aluguel que assinei, quando morei no hotel e ainda não sabia que a empresa que gerenciava aquele imóvel cuidava dos bens de Abílio. Uma camareira me contou que “nada tinha mudado desde o tempo em que doutor Abílio vivia por lá” e, em uma manhã, deixando-se levar pela empolgação, me confidenciou que, muitas vezes, ao limpar a bagunça das festas com meninas, encontrava no prato restos de pó branco.

Parece que mantiveram uma rotina de encontros. De madrugada, quando os moradores e hóspedes, aliviados pelo fim do expediente da boate, caíam exaustos no sono, depois que as meninas iam embora, quando o silêncio reinava e só se ouviam risos distantes, poucas e esporádicas vozes e alguns gemidos de gozo, quando ninguém queria ver quem era e como estava a gente que acionava os elevadores, um ia ao apartamento do outro para conversas breves e objetivas.

Como as políticas repressivas e as ações regulatórias do Estado são menos eficazes do que a miséria do mundo, era esperado que o tráfico, o desmatamento, a mineração e a pecuária ilegais continuassem a prosperar. Por sua vez, as informações passadas por André a Abílio permitiam algumas antecipações e boicotes. “A luta é permanente”, dizia André aos seus aliados da luz do dia, alimentando a esperança no futuro: “um dia, enfim, esse país será moderno e teremos orgulho de termos feito a nossa parte”.

André gozava das delícias de sua nova vida quando foi noticiada por um jornal de esquerda a denúncia de que sua empresa de guincho seria a fachada de negócios suspeitos no Centro-Oeste e que ele receberia dinheiro de origem obscura. A matéria era imprecisa e repleta de acusações que, depois, não foram comprovadas. Mas o escândalo estava montado e o testa-de-ferro foi alvo de investigações da imprensa nacional. A avalanche durou um mês. “Tudo indica – diziam, mesmo sem provas – que estaria a

serviço de criminosos”. Pipocavam teorias conspiratórias, relatos fantasiosos e informações contraditórias. Muitos nomes, zelosos de suas reputações, foram mencionados.

Era preciso dar sentido à confusão e ao espanto generalizado. Por essa época, os dois já não eram vistos com frequência no balcão. Abílio estava recolhido há uns meses, dizia ter passado por uma cirurgia e ia menos a Brasília. André contra-atacou, acusou “conspiradores obscurantistas que querem destruir a honra de uma liderança ascendente”. Nos bastidores, mobilizou sua rede de influência contra o jornal de esquerda. Àquela altura, muita gente ansiava pelo fim do escândalo e não foi difícil recrutar quem nutrisse antigos rancores com o editor do jornal, apenas aguardando a ocasião propícia para o bote.

Anúncios publicitários foram suspensos e o editor foi demitido. Descobri sem muito esforço que, um ano depois, ele conseguiu um emprego, parece que bem pago, em um jornal de uma cidade no norte do Mato Grosso que vive de notícias locais. Ele se recusa a falar do rastilho de pólvora que acendeu. “Eu me reinventei. Polêmicas, agora, só as fofocas paroquiais”, ironizou antes de desligar o telefone.

Porém, o fogo ardia e o estrago era grande. Reputações empresariais foram postas em questão. Os políticos financiados por André passaram ser vistos com suspeita e os nomes que haviam indicado para os ministérios foram exonerados. O ministro caiu, após um mês, como tentativa de estancamento da crise.

Dois meses depois, a tempestade já parecia mais uma marola da República. Quem tinha poder e prestígio de fato, continuou a ter. Advogados receberam bons honorários. Desagravos foram publicados. Nos bastidores, já não se falava do assunto. A abóboda de silêncio foi restaurada. Durante todos aqueles dias, não se disse nenhuma palavra sobre a boate. Em seu balcão, nada foi dito sobre a crise. Naquele pequeno mundo, tudo é aceitável, menos o escândalo.

Quando as coisas se acalmaram, Abílio voltou a frequentar a casa noturna e seu apartamento. André, porém, tornara-se tóxico e mergulhou no ostracismo. Depois de alguns anos investigando esse caso, quando a opinião pública já o havia esquecido e a justiça estava ocupada com outras causas, um jornalista brasileiro me confidenciou que teria ouvido falar que Abílio teria plantado a denúncia e pagado um bom dinheiro para seu nome não aparecer. Mas, ele me alertou, esse era apenas mais um boato em uma história repleta deles. Mais tarde, me dei conta que Abílio, para criar o escândalo e deixar a opinião pública atônita, tinha contado uma história correta em suas linhas gerais, mas com muitas informações falsas e muitos nomes de empresários e políticos que sabidamente não participaram de ilegalidades.

Os desafetos que André acumulou eram muitos e os que possuíam meios para atuar nos bastidores não hesitaram. A denúncia dera uma pista correta e promissora. Descobriu-se durante as investigações – e está registrado nos autos do processo – que a contabilidade da empresa de guincho vinha sendo fraudada sistematicamente desde o seu início. Inventou-se um artifício para ocultar a origem de grandes volumes de capital que a impulsionaram e a teriam permitido sobreviver, com galhardia, a oscilações do mercado. Em meio a tantas acusações falsas e reputações difamadas, havia enfim uma culpa inequívoca. Com o devido respeito ao processo legal, já como notícia velha e sem interesse, André foi preso preventivamente e, meses depois, viu sua sentença publicada. Sua pena é longa e não sei quando poderá migrar para o regime semiaberto. Quase não tive informações sobre sua vida na prisão, mas uma funcionária da penitenciária me contou que ele teria cultivado boas relações com os outros presos e os carcereiros, o que tem lhe propiciado certos privilégios.

Ao tentar reconstruir essa história, eu não conseguia mapear os passos de Abílio e André no tabuleiro do escândalo. Os depoimentos para a justiça eram vagos e me traziam poucos fatos adicionais, pois o julgamento se concentrou na caracterização da fraude contábil e em sua incriminação. Eu precisava de mais pistas. Fui conversar com um jovem advogado que mantinha amizades no escritório que defendeu André e acompanhou o caso à distância. O rapaz se esquivou, mas em um lapso, que na hora fingi não notar, fez menção a uma autobiografia. A funcionária do presídio já havia me dito vagamente o que na hora me pareceu mais uma bravata: “ouvi que ele chegou dizendo que ia contar sua história em um livro que estaria nas livrarias de todos os aeroportos do país, mas logo parou com essa história”.

Não são tantos editores de autobiografia de desagravo vendidas em livrarias de aeroporto. Deu trabalho, mas descobri o editor sensacionalista que recebeu o original incompleto de André e o rejeitou por um conjunto de razões. Em primeiro lugar, porque o texto foi considerado ruim e, pesados todos os custos editoriais, ele o avaliou como mercadoria pouco rentável. Em segundo lugar, e sobretudo por isso, porque enquanto analisava o material, recebeu a ligação da mãe de André. Em uma conversa rápida, ela apenas teria dito: “por mim e por ele, rejeite e devolva esse material”. O editor teve medo de, sem garantia de bom lucro, destampar um bueiro recém-fechado. Devolveu o manuscrito ao advogado de André, mas antes o digitalizou em segredo para arquivá-lo em sua coleção de originais recusados, a partir dos quais pretende, um dia, escrever suas memórias profissionais. Depois de muita insistência, porque eu sabia de muitos fatos, porque algum tempo havia se passado, por vaidade e porque

o paradeiro de Abílio é incerto, ele não me mostrou o texto, mas concordou em me contar o que havia lido. O lamento de André era inverossímil, mas estava repleto de informações que me permitiram preencher lacunas que me intrigavam.

Hoje, concluo que o acordo entre Abílio e André foi feito para não durar. André se enganou, seduzido pela riqueza, pelo prestígio e pela influência – e, sobretudo, por seu deslumbre com a vida de glórias longe do jogo pesado de onde vinha seu dinheiro. Abílio, eu conjecturo, sempre quis se livrar dele, que sabia demais e não queria herdar a liderança dos negócios e assumir o risco da identificação com um universo que sempre rejeitara. André acreditou na quimera de gozar dos benefícios de mundos que poucos podem conciliar.

Nas eleições seguintes, e talvez com alguma influência da crise, a conjuntura política do Brasil mudou. Uma aliança entre conservadores, ultraliberais e populistas de direita enxergou na ocasião a oportunidade de se eleger. Esse grupo conseguiu maioria no Parlamento e aprovou leis que flexibilizaram, como se diz no jargão da tecnocracia, marcos regulatórios, desmontando estruturas de fiscalização e de controle de atividades predatórias. A mudança política favoreceu os negócios de Abílio, que prosperaram como nunca. Jamais se saberá como a astúcia e o acaso se entrelaçaram para produzir esse efeito.

Soube que ele se aposentou, vendeu suas fazendas, criou um *family office* sediado em São Paulo para administrar sua fortuna e passou a viver em Paris, onde teria comprado um apartamento no *Triangle d'Or*. Fui atrás de notícias locais a seu respeito, mas tudo o que pude apurar, por intermédio de um corretor de imóveis soberbo, foi que um empresário brasileiro de nome Abílio de Souza, já aposentado, teria comprado um apartamento que fora de seu avô paterno, quem, segundo relatos, teria se desfeito do bem em um momento de dificuldades financeiras. Nos arredores, os garçons dos cafés e dos bistrôs o conheciam, mas ele já não era visto há um tempo. Um garçom brasileiro me contou que alguém teria lhe dito que ele falecera durante uma viagem à Croácia, porém esse desfecho me pareceu excessivamente fantasioso.

Sem mais vestígios verossímeis, resignado, decidi encerrar a minha investigação. Em Paris, diante de uma livraria, cinco anos depois e sem saber por que Adriano me ventilou aqueles nomes e me envenenou com o “se o senhor soubesse... escreveria...”, me deparei com um livro sobre atualizações do mito do Cavalo de Troia na literatura e na história. Entregue a fabulações, vejo pela vitrine Abílio folheando um exemplar e elaborando meios para preservar sua fortuna: “André, precisamos conversar”.

Bioma de sacrifício

SOBRE O AUTOR

Maurício Érnica é docente do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação da Unicamp.

E-mail: ernica@unicamp.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9911-7011>.

Recebido em 25 de setembro de 2024 e aprovado em 29 de outubro de 2024.